Afluentes do Poema
Xavier Zarco
virtualbooks

# AFLUENTES DO POEMA

## O Autor

Xavier Zarco, pseudónimo literário de Pedro Manuel Martins Baptista que nasceu a 4 de Outubro de 1968 em Coimbra, cidade onde reside.

Publicou "***O livro dos murmúrios***" (livro, Palimage Editores, Portugal, 1998), "***No rumor das águas***" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2001), "***Acordes de azul***" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2002), "***Palavras no vento***" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003), "***In memoriam de John Lee Hooker***" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003), "***Ordálio***" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2004), "***O guardador das águas***", Prémio de Poesia Vitor Matos e Sá – 2004, organizado pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (livro, Mar da Palavra, Portugal, 2005), "***O ciclo do viandante***" (ebook, Virtualbooks, Brasil, 2005), "***O fogo A cinza***", Prémio de Poesia do VII Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage – 2005, organizado pela LASA – Liga dos Amigos

de Setúbal e Azeitão (livro, LASA, Portugal, 2005), “***Stanley Williams***” (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2006), “***À beira do silêncio – uma centena de experiências em poetrix***” (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2006) e “***Monte maior sobre o Mondego***”, Menção honrosa (Poesia) no Prémio Literário Afonso Duarte – 2004, organizado pela Câmara Municipal de Montemor-o-Velho (e-book, ArcosOnline, Portugal, 2006).

Poemas seus foram editados em diversos jornais, revistas e antologias de Poesia, para além de estar representado em inúmeros sites na Internet, sendo membro efectivo (cadeira n.º 99) da A.V.B.L. - Academia Virtual Brasileira de Letras.

Em 2004, viu o seu poema "***Hino de Santa Clara***" ganhar o Concurso para a Letra do Hino da Junta de Freguesia de Santa Clara.

O seu livro, ainda inédito, “***O livro do regresso***” foi agraciado com o Prémio de Poesia Raúl de Carvalho – 2004/2005 da Câmara Municipal do Alvito.

# AFLUENTES DO POEMA

*

Regresso. Sinto o fogo da Biblioteca

de Alexandria ríspido nas

veias do poema. Há um verbo a con-

jugar. Uma criança a correr entre

alamedas de espanto construindo

a memória. Nada a prende ao mundo.

Tudo é madeira virgem onde gravar

as sílabas do sonho. Pedra onde a

face se expõe ao vento impiedoso

dos tempos. Mas a lágrima surge e

cava no rosto artérias de dor.

E regresso ao meu novo ofício. À

arte de depurar sombras e cinzas.

Nada digo à criança. Talvez um

dia as cinzas revelem seus segredos.

*

Sou como um rio. Trago em minhas águas

memória de alheias vozes como

se fossem afluentes do poema.

Embutidos retábulos no cerne

da madeira mais pura. Frutos

de pomares por onde o desejo é

brisa de aromas frescos e suaves.

Sou como um rio. Vou para o mar. Trago

nas águas o sonho de sonhar.

Arado que em silêncio engravida

a tez deste papel ensandecido.

Sou como um rio. Ensejo chegar ao

mar. Ser filho do tempo em que vivi

embarcar no poema e partilhar

palavra, sonho, vida, poema...

*

São singelas as coisas que me espantam,

que me seduzem. Pássaros em voo,

uma canção de Zeca Afonso, um só

poema de Alexandre O’Neill, um quadro

de Vieira da Silva. Sensações

que indagam o desejo de ser livre.

Cortar amarras. Ir até onde o

horizonte for fim, for limite,

o limite do espaço e do tempo,

ponto final do próprio poema.

*

Há séculos de vozes pelas veias

de cada poema. Abrem suas asas

no esboço circular de cada voo

em torno da palavra inaugural.

Herdámos instrumentos, movimentos,

o despertar do olhar, o seu mistério,

a cadência, a música, o silêncio

habitado de todas as memórias.

Resta-nos o desígnio, o contemplar

sereno das cidades e dos campos,

dos homens e das obras fruto dos

seus gestos. Indagar pela raiz

desta árvore frondosa que nós somos.

E plantar, semear o verbo para

quem nasce e em cujas mãos o tempo

será de novo nado e redivivo.

*

Escrevera na margem do rio o

meu nome como marca da partida.

Ao longe, o mar, espelho do sol, como

aguarela suspensa no olhar. Quadro

onde encontro o caminho, o meu caminho.

Embarco neste barco. Neste cais

deixo a última semente da saudade.

E vou. Procuro o mar. Há uma ilha e

um canto de sereias que me chama.

Indago nome e rosto, a queda das

máscaras, como um último poema,

criação derradeira do poeta.

*

No fim, será somente um ponto. Final

de um caminho. O que cruza esta fronteira,

recolhe entre mãos pó. Semente de

poema que em silêncio se gera.

*

Recordo-me, era noite e cintilava

o poema na aresta do poente.

De longe, o vento traz o passar

de um comboio. Regresso ao corpo da

viagem. Há paisagens nas palavras,

searas que em espanto se revelam

no olhar que navega entre estrelas e

cometas. Mão que tece rumos na

memória. Era noite e o poema arde

no ventre das palavras ancestrais.

*

Ao colo, uma criança dorme. A mãe

afaga-lhe o cabelo. O poeta abre

o saco da metáfora e sente a

fria e triste impotência de não

ter, por entre as palavras, uma imagem

solar que lhe descreva o brilho que

habita fundo no íntimo do olhar.

Recordo o terno afago, o doce gesto

de minha mãe. Seu rosto iluminado

enquanto me embalava para ir brin-

car com o sono, para mergulhar

no sonho que em seu canto me promete.

De súbito, as palavras surgem. Trazem

o desenho do gesto, o esboço de

um sorriso, o calor da mão que tece

a candura da manta que me tapa

e que, serenamente, minha mãe

vai, quando me adormece, aconchegar.

*

José Carlos Ary dos Santos, ao

ler-te observo a música do verbo,

da palavra artilhada, bomba, flor

pungente de amor, vida, de desejo.

Ler-te é uma viagem de demanda

de novas sensações e melodias,

acordes que fervilham e nos surgem

nítidos entre cada dobra do

poema. Mas ler-te é, também, sentir

o acordar na memória de imagens,

vozes: Fernando Tordo, Carlos do

Carmo, Simone de Oliveira. Ler-te

é saber de uma pátria de sombras,

pátria amordaçada, de um caminho,

do sol da poesia que alto brilha

e não cala, e não cala o canto, o sonho.

*

Sobre o tampo da mesa, um copo de

vinho, papel, cinzeiro, maço de

cigarros, um isqueiro e uma caneta.

A madeira, sob marcas, ocultava

outras paragens, gente circular

como o fundo da taça bebida. O

cinzeiro deformado, escondia ânsia,

solidão, uma espera prolongada

como ferida exposta. Puxei de um

cigarro. Olho em redor da taberna e

sinto como o poema anda na rua.

Anda dentro do olhar de homens, mulheres

e crianças. Habita nas mais simples

coisas. É ser que vive em cada re-

canto, palavra, sonho, movimento.

Poema eternamente em construção.

*

Inclino a face. O lago responde e

acolhe a luz. Progride rumo ao ventre

do olhar e nele planta o desejo, o

esboço de uma máscara caindo.

*

Na mesa do café, entre a bica e

uma amêndoa amarga, acende-se um

cigarro. A esferográfica arrisca o

fogo da poesia entre as notícias

do próprio jornal do dia. É triste

o poema, o poeta expõe não a obra,

o verso procurado entre o silêncio

e a solidão, mas sua foto tipo

passe, ridente, em página de ne-

crologia. Na mesa do café,

como cinzas, ficaram as palavras.

Que o vento as leve e traga noutro dia.

Hoje não, eu não quero poesia.

*

Nada permanece. Abre o livro. O verso

ganha asas e renasce em tuas mãos.

*

Aceso há um cigarro que ilumina

a noite por detrás de uma janela.

É estrela solitária ou cometa

que baila e brinca até sua extinção.

*

a chuva morde os flancos da terra

suave e súbita

onde era sombra agora é corola

desperta à luz de uma sílaba

*

A iluminada mão projecta a sombra,

Carlos Poças Falcão, in O Invisível

Simples. A sombra, como o verso, não

fica, à guisa de epígrafe, pendente,

isolada no topo de uma página.

Desce por entre as frestas do poema

e indaga a luz que nega. Traz seu nome

na esquina de uma sílaba esquecida

e, de súbito, surge entre a voz que

nomeia a iluminada mão. Regressa

ao centro do poema e seu corpo

com o corpo da luz funde em silêncio.

*

Na minha cidade há um poema em

cada viela, praça, rua, beco,

avenida, alameda. Em cada canto,

em cada olhar. Nas montras, nos reclamos

luminosos. Um verso explode nos

carros, nos autocarros, nos comboios.

Há um poema porque há vida.

Há gente que nas mãos traz o futuro,

traz o sonho, a esperança, o sentimento.

*

No deserto das mãos, o gesto nasce

pródigo em criação. Gera do caos

as formas do poema, do leito onde

as palavras se deitam e comungam

a secreta matéria dos sonhos,

da memória. O breve dizer

da areia removida por José

Luís Borges mudando a face do

Egipto. Talvez quadra, simples, mas

profunda, como vale imenso, de

António Aleixo. Todas as palavras

como cacho em vindima aguardando a

hora de ser desejo, de ser arte.

*

Conta uma a uma cada moeda. As

doze com que compraste essa figueira

onde do chão, por onde o pão germina,

tua fuga, pendente, desenhaste.

*

dizem que perco tempo

sentado à beira deste rio

mas como se pode

aqui

perder tempo

se suave e doce é seu passar

e a vida nada mais é

do que este destino

de demandar a foz

sem outra condição